Mauser

CORO
Você lutou na frente da guerra civil
O inimigo não encontrou fraqueza alguma em você
Nós não havíamos encontrado fraqueza alguma em você.
Agora você mesmo é uma fraqueza
Que o inimigo não pode encontrar em nós.
Você aplicou a morte na cidade de Witebsk
Aos inimigos da revolução, por nosso encargo
Sabendo que o pão de cada dia da revolução
Na cidade de Witebsk como em outras cidades
É a morte de seus inimigos, sabendo que ainda
Precisamos arrancar a relva para que o verde permaneça
Nós os matamos com a sua mão.
Mas certa manhã na cidade de Witebsk
Você mesmo matou com a sua mão
Não os nossos inimigos, não de acordo com a instrução
E agora precisa ser morto, você mesmo é agora um inimigo.
Cumpra a sua tarefa no posto derradeiro
Onde a revolução te colocou
De onde não haverá de sair sobre seus próprios pés
No paredão, que haverá de ser o seu último
Assim como cumpriu sua outra tarefa
Sabendo que o pão de cada dia da revolução
Na cidade de Witebsk como em outras cidades
É a morte de seus inimigos, sabendo ainda que
Precisamos arrancar a relva para que o verde permaneça.

A
Cumpri a minha missão.

CORO
Cumpra agora a sua derradeira.

A
Eu matei pela revolução.

CORO
Morra agora por ela.

A
Cometi um erro.

CORO
Você é o erro.

A
Sou um ser humano.

CORO
O que é isso?

A
Não quero morrer.

CORO
Nós não estamos perguntando se você quer morrer.
O paredão às suas costas é a sua última muralha
Às suas costas. A revolução não precisa mais de você
Ela precisa da sua morte. Mas antes de dizer
SIM ao NÃO que foi sentenciado contra você,
Não terminou a sua tarefa.
Diante dos fuzis da revolução que precisa da sua morte
Aprenda essa última lição. E sua última lição é:
Você, que está aí no paredão, é o seu e o nosso inimigo.

A
Nas prisões desde Omsk a Odessa
Foi-me inscrito no corpo o texto
Lido debaixo dos bancos de escolas e nas latrinas:
PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS
Com punho e coronha, com tacão e pontapé
Ao filho do pequeno-burguês com samovar próprio
Preparado para uma carreira eclesiástica
Sobre as tábuas do assoalho gastas pelos joelhos diante do ícone.
Mas eu escapei em tempo desse buraco de partida.
Em assembléias, manifestações e greves
Espezinhado por cossacos bem ortodoxos
Torturado sem ânimo por indolentes funcionários
Nada eu aprendi sobre a vida depois da morte.
Aprendi a matar nos prolongados combates
Contra o cerco, na época do matar ou morrer
Dizíamos: quem não quer matar, também não deve comer
Correr enfiar a baioneta no corpo de um inimigo
Num cadete, oficial ou camponês que nada entendeu
Dizíamos: esse é um trabalho como outro qualquer
Esmigalhar crânios e dar tiros. [CORO]

~~A [CORO]~~
Mas certa manhã na cidade de Witebsk
Com o estrondo cercano da batalha, a revolução
Com o beneplácito do partido me encarregou a tarefa
De assumir o tribunal da revolução
Na cidade de Witebsk, que aplica a morte
Aos inimigos da revolução na cidade de Witebsk.

CORO
Você lutou na frente da guerra civil
O inimigo não encontrou fraqueza alguma em você
Nós não havíamos encontrado fraqueza alguma em você.
Deixe a frente de guerra e ocupe o posto
Onde a revolução te necessita de agora em diante.
Até que ela precise de você num outro lugar.
Conduza a nossa batalha às nossas costas,
Aos inimigos da revolução, aplique a morte.

A [CORO]
E eu estava de acordo com a tarefa
Sabendo que o pão de cada dia da revolução
É a morte de seus inimigos, sabendo que ainda
Precisamos arrancar a relva para que o verde permaneça.
De acordo estava eu com essa tarefa
Da qual a revolução me havia encarregado
Com o beneplácito do partido no rumor da batalha.
E esse matar era um matar diferente
E era um trabalho como outro nenhum.

CORO
O seu trabalho começa hoje. Quem o fazia antes de você
Precisa ser morto antes de amanhã, ele mesmo um inimigo.

A [CORO]
Por que ele.

B
Diante do meu revólver três camponeses
Inimigos da revolução por ignorância.

Às suas costas as mãos, presas por cordas,
Mãos calejadas de tanto trabalhar.
Minha mão presa ao revólver com o encargo da revolução
Meu revólver apontado para as suas nucas.
Os inimigos dela são os meus inimigos, isso eu sei
Mas esses que estão diante de mim, com o rosto para a pedreira
Eles não sabem isso, e eu que sei
Não tenho qualquer outra lição para a sua ignorância
Senão a bala. Eu administrei a morte
O revólver, minha terceira mão
Aos inimigos da revolução na cidade de Witebsk
Sabendo que o pão de cada dia da revolução
É a morte dos seus inimigos, sabendo que ainda
Precisamos arrancar a relva para que o verde permaneça
Sabendo que pela minha mão mata a revolução.
Já não sei isso, não posso mais matar.
Retiro a minha mão dessa tarefa
Da qual a revolução me encarregou
Em certa manhã na cidade de Witebsk
Com o beneplácito do partido no clamor da batalha.
Corto as cordas
Das mãos de nosso inimigos, mãos marcadas
Pelos vestígios do trabalho, como meus semelhantes.
Afirmo: os seus inimigos são os nossos inimigos.
Afirmo: voltem para o seu trabalho.

CORO [OS INTÉRPRETES DOS TRÊS CAMPONESES]
E eles voltaram para o seu trabalho
Três inimigos da revolução, sem nada terem aprendido.

Quando ele retirou a sua mão da tarefa
Da qual a revolução o havia encarregado
Em certa manhã na cidade de Witebsk
Com o beneplácito do partido no barulho da batalha
Essa mão ~~não~~ era mais uma mão em nossa garganta./
Ora, a sua mão não é a sua mão
Assim como a minha mão não é minha mão
Antes da revolução ter vencido definitivamente
Na cidade de Witebsk como em outras cidades.
Ora, a ignorância pode matar
Assim como o aço e a febre podem matar
Mas o saber não basta, a ignorância precisa
Desaparecer completamente, e não basta o matar
No entanto, matar é uma ciência
E precisa ser aprendido para poder acabar
Pois o natural não é natural
Mas precisamos arrancar a relva
E precisamos vomitar o pão
Até a revolução ter vencido para sempre
Na cidade de Witebsk como em outras cidades
Para que a relva permaneça verde e a fome acabe.
Quem se determina a si mesmo como sua propriedade
É um inimigo da revolução, como outros inimigos
Pois o nosso semelhante não é nosso semelhante
E nós não somos nossos semelhantes, a própria revolução
Não é coerente consigo mesma, mas o inimigo, com
Unhas e dentes, baioneta e metralhadora
Inscreve em sua imagem viva os seus traços medonhos
E suas feridas cicatrizam em nosso rosto.

B
Para que matar e para que morrer
Se o preço da revolução é a revolução
E aqueles a serem libertados são o preço da libertação.

A
Isso e outras coisas ele gritou contra o rumor da batalha
Que havia crescido e crescia ainda mais.
Havia milhares de mãos em nossa garganta
Contra a dúvida quanto à revolução, não havia
Nenhum outro remédio senão a morte do cético.
E eu não tinha olhos para as suas mãos
Quando estava diante de meu revólver, de rosto virado para a pedreira
Se elas estavam ou não arruinadas pelo trabalho
Estavam, sim, bem amarradas com cordas
E o matamos com a minha mão
Sabendo que o pão de cada dia da revolução
É a morte de seus inimigos, sabendo que ainda
Temos que arrancar a relva para que o verde fique.
Eu sabia isso, matando outros na manhã seguinte
E novamente outros na terceira manhã
E eles não tinham mãos e não tinham rosto
Mas apenas o olho com que eu os mirava.
E a boca com que eu lhes falava
Era o revólver, e a minha palavra era a bala
Não esqueci quando eles gritavam
Quando o meu revólver os jogava na pedreira
Inimigos da revolução para outros inimigos
E esse era um trabalho como outro qualquer.

Eu sabia que quando se dispara contra um ser humano
Dele escorre sangue como de todos os animais
Os mortos pouco diferem
E esse pouco não por muito tempo. Mas o homem não é um animal:
Na manhã do sétimo dia eu vi os seus rostos
Nas suas costas as mãos amarradas com corda
Com os rastros dos seus diferentes trabalhos
Enquanto esperavam, rosto voltado para a pedreira,
Pela morte saindo do meu revólver, e a dúvida
Tomava lugar entre o dedo e o gatilho, sobrecarregado
Com os mortos de sete manhãs a minha nuca
Que carrega o jugo da revolução
Para que sejam quebrados todos os jugos
E minha mão, que está presa ao revólver
Com a tarefa da revolução que me foi encarregada
Certa manhã na cidade de Witebsk
Com o beneplácito do partido no barulho da batalha
Para administrar a morte aos seus inimigos
Para que a matança se acabe, e eu dava a voz de comando
Nessa manhã como na primeira manhã
MORTE AOS INIMIGOS DA REVOLUÇÃO
E administrei a morte, mas a minha voz dava
A ordem como se não fosse minha voz
E minha mão aplicava a morte
Como se não fosse minha mão
E o matar era um matar diferente
E era um trabalho como outro nenhum
E no fim do dia eu olhei o meu rosto

Que me mirava não com os meus olhos
Lá no espelho de parede, várias vezes rebentado
No bombardeio da cidade várias vezes conquistada
E à noite eu já não era um ser humano, sob o peso
Dos mortos de sete manhãs
O meu sexo, o revólver, que administra a morte
Aos inimigos da revolução, de rosto para a pedreira.

A [CORO]
Por que eu? Livrem-se da tarefa
Para a qual sou fraco demais.

CORO
Por que para você.

A
Eu combati na frente da guerra civil
O inimigo não encontrou fraqueza alguma em mim
Vocês não encontraram fraqueza alguma em mim
Agora eu mesmo sou uma fraqueza
Que o inimigo não pode encontrar em nós.
Administrei a morte na cidade de Witebsk
Aos inimigos da revolução na cidade de Witebsk
Sabendo que o pão de cada dia da revolução
É a morte de seus inimigos, sabendo que ainda
Precisamos arrancar a relva para que permaneça o verde.
Eu não esqueci isso na terceira manhã
E também não na sétima. Matar e mais matar
E talvez um de cada três não fosse culpado, esse
Que está diante do revólver, de rosto para a pedreira.

CORO
Nessa luta que não terá fim
Na cidade de Witebsk como em outras cidades
Seja com a nossa vitória ou o nosso naufrágio
Cada um de nós executa com duas débeis mãos
O trabalho de duas mil mãos, mãos destroçadas
Mãos amarradas com cordas e correntes, mãos
Decepadas, mãos em nossa garganta.
Temos mil mãos postas em nossa garganta
Sem fôlego para perguntar por culpa ou inocência
Cada mão em nossa garganta, ou de acordo com a origem
Se ela está calejada ou não está calejada
Se é a miséria que a faz baixar em volta do nosso pescoço
Ignorância sobre as raízes da miséria
Ou se é o temor diante da revolução que ela arranca
Junto com as raízes. Como pretende ser diferente de nós
Ou alguém especial, se você consiste numa fraqueza.
Esse que diz eu com a sua boca é um outro e não você.
Antes da revolução vencer definitivamente
Na cidade de Witebsk como em outras cidades
Você não será propriedade sua. Com a sua mão
Mata a revolução. Com todas as mãos
Com que a revolução mata, mata você também.
A sua fraqueza é a nossa fraqueza.
A sua consciência é a lacuna em seu consciente.
Que é uma lacuna em nossa frente de luta. Quem é você?

A
Um soldado da revolução.

CORO
Quer portanto
Que a revolução o dispense da sua missão
Para a qual você é fraco demais e que precisa ser
Cumprida por um outro qualquer.

A [CORO]
Não./ E a matança continuava, rosto para a pedreira.
Na manhã seguinte um camponês diante de meu revólver
Como antes dele o seu semelhante em outras manhãs
Como antes de mim o meu semelhante diante de outros revólveres
Suor frio na nuca: denunciou quatro combatentes da revolução
A nosso inimigo e seu inimigo
Suor frio na nuca, ao estar parado diante de outros revólveres.
O seu semelhante foi morto
E o meu semelhante, por dois mil anos
Com roda forca torniquete garrote chicote galés
Por alguém que é semelhante ao meu inimigo, que é o seu inimigo
E o meu revólver agora apontado para a sua nuca
Eu roda torniquete forca garrote chicote galés
Eu diante do meu revólver rosto para a pedreira
Eu meu revólver apontado para a minha nuca
Sabendo que pela minha mão mata a revolução
Destruindo roda forca torniquete chicote garrote galés
E não sabendo isso, diante do meu revólver um ser humano
E entre mão e revólver, dedo e gatilho
Eu lacuna em minha consciência, em nossa frente de batalha.

CORO
Sua tarefa não é matar seres humanos, mas matar

Inimigos. Pois o ser humano é desconhecido.
Sabemos que matar é um trabalho
Mas o ser humano é mais que o seu trabalho.
Enquanto a revolução não triunfar definitivamente
Na cidade de Witebsk como em outras cidades
Não saberemos o que é isso, um ser humano.
Pois ele é o nosso trabalho, o incógnito
Atrás das máscaras, aquele que está enterrado na lama
Da sua história, aquele verdadeiro desconhecido por baixo da lepra
O ser vivo dentro das petrificações
Pois a revolução rebenta as suas máscaras, liquida
A sua lepra, lava a sua imagem da empedernida merda
Da sua história, o homem com unhas e
Dentes, baioneta e metralhadora
Emergindo da cadeia das estirpes
Rebentando o seu sangrento cordão umbilical
No raio do verdadeiro início reconhecendo a si mesmo
Uns reconhecendo os outros segundo a sua diferença
Com a raiz desenterra do ser humano o humano ser.
O que conta é o exemplo, a morte nada importa.

A
Mas no clamor da batalha, que havia crescido
E crescia ainda mais, estava eu com as mãos ensanguëntadas
Eu soldado e baioneta da revolução
E procurava com a minha voz por uma certeza.

A [CORO]
O morticínio cessará quando a revolução tiver triunfado.
A revolução há de triunfar. Quanto tempo ainda.

CORO
Você sabe o que nós sabemos, nós sabemos o que você sabe.
Ou a revolução vence ou o ser humano deixará de ser.
E desaparecerá numa crescente humanidade.
A
E eu ouvi a minha voz dizer
Nessa manhã como em outras manhãs
MORTE AOS INIMIGOS DA REVOLUÇÃO e eu o via
Aquele que eu era eu a matar uma coisa qualquer de carne sangue
E de outra matéria, não perguntando por culpa ou inocência
Nem pelo nome, nem se era inimigo
Ou não era, essa coisa qualquer não se mexia mais
Mas ele que era eu não parava de matar isso.
Ele dizia: / [CORO] Deitei abaixo a minha canga
Os mortos já não me pesam na minha nuca
Um homem é uma coisa em que se atira
Até que o ser humano emerja das ruínas do ser humano. //
E quando ele tinha atirado e voltado a atirar
Na carne ensangüentada, atravessando a pele explodindo
E voltado a atirar nos ossos estilhaçados, ele
Avançou com os pés contra o cadáver.
A [CORO]
Carrego sob as botas aquilo que matei
Danço em cima dos meus mortos em passo marcial
Não basta matar aquilo que tem de morrer
Para que a revolução vença e a matança acabe
UTOPIA Mas isso não deverá existir nunca mais, nem um pouco
E deverá desaparecer da face da terra
Para os que virão, uma mesa limpa e posta.

CORO
Ouvimos seu bramir e vimos o que ele tinha feito
Não por nossa incumbência, e ele não parava de bramar
Com a voz do homem que devora o homem.
Soubemos então que o seu trabalho o havia consumido
E a sua época havia passado e o levado embora
Um inimigo da revolução como outros inimigos
E não como outros, mas também o seu próprio inimigo
Sabendo que o pão de cada dia da revolução
É a morte de seus inimigos, sabendo que ainda
Precisamos arrancar a relva para que o verde permaneça.
Mas ele tinha deitado fora a sua canga
Que teria de ser carregada até a revolução triunfar
Nas suas costas os mortos não lhe pesavam mais
Os mortos impertinentes até que a revolução vença
No entanto a sua carga era a sua presa
Portanto a revolução não tinha mais lugar para ele
E ele mesmo já não tinha mais lugar para si
Senão em frente aos canos dos fuzis da revolução.

A
Não antes de me terem retirado do meu trabalho
E terem tirado da minha mão o revólver
E os meus dedos ainda se curvam como se curvam em volta da arma
Diferente de mim mesmo, vi o que eu havia feito
E só depois de me levarem embora ouvi
A minha voz e de novo o barulho da batalha
Que havia crescido e continuava a crescer.

A [CORO]
A mim no entanto os meus semelhantes conduzem agora ao paredão

E eu que entendo isso não o entendo
Por que?

CORO
Você sabe o que nós sabemos, nós sabemos o que você sabe.
O seu trabalho foi sangrento e como nenhum outro
No entanto precisa ser feito como outro trabalho qualquer
Por um ou por outro alguém.

A
Eu fiz o meu trabalho. Vejam a minha mão.

CORO
Nós vemos que a sua mão está ensangüentada.

A
Como não?!
E mais ruidoso que o barulho da batalha foi o silêncio
Na cidade de Witebsk por um instante
E esse instante foi mais longo que a minha vida.
Sou um ser humano. E ser humano não é máquina.
Matar e matar, sempre a mesma coisa depois de cada morte
Eu não podia. Dêem-me o descanso da máquina.

CORO
Só depois de a revolução ter vencido para sempre
Na cidade de Witebsk e em outras cidades
Vamos conseguir saber o que é isso, um ser humano.

A
Eu quero saber isso aqui e agora. Eu pergunto
Nessa manhã na cidade de Witebsk
Com as botas cheias de sangue em meu último percurso

Esse que é conduzido para morrer, que não tem tempo
Com o meu último fôlego aqui e agora
Eu pergunto à revolução onde está o humano ser.

CORO
Você pergunta cedo demais. Nós não podemos te ajudar.
E a sua pergunta não ajuda à revolução.
Ouça o barulho da batalha.

A
Eu só tenho uma época para viver.
Por trás do rumor da batalha como negra neve
Aguarda-me o silêncio.

CORO
Você morre apenas uma morte
Mas a revolução morre várias mortes
Apenas uma morte você pode morrer
A revolução tem muitas épocas, nenhuma
Em demasia. O ser humano é mais que o seu trabalho
Senão não há de ser. Você já não é.
Pois o seu trabalho te consumiu
Você tem que desaparecer da face da terra.
O sangue com que manchou a sua mão
Quando ela era uma mão da revolução
Precisa ser lavado com o seu próprio sangue
Pelo nome da revolução, que precisa de toda mão
No entanto não mais da sua mão.

A
Eu matei
Por encargo de vocês.

CORO
E não por encargo nosso.
Entre o dedo e o gatilho, o instante
A época era sua e era nossa. Entre a mão e o revólver
O espaço: era o seu posto na frente da batalha da revolução
Mas quando a sua voz e o revólver se tornaram uma única coisa
E você se identificou com o seu trabalho
E já não tinha mais consciência dele
Que precisa ser feito aqui e agora
Para que não mais precisasse ser feito por ninguém
O seu posto foi uma brecha em nossa frente
E para você não havia mais lugar em nossa frente de batalha.
Terrível é o hábito, mortal ou vulgar
Com muitas raízes habita em nós o passado
Que precisa ser arrancado com as raízes todas
Em nossa fraqueza ressuscitam os mortos
Que sempre de novo precisam ser enterrados
Nós mesmos precisamos renunciar cada qual a si próprio
Mas não devemos renunciar uns aos outros.
Você é aquele um e você é aquele outro
Aquele que você dilacerou sob sua bota
Aquele que te dilacerou sob a sua bota
Você renunciou a si, um ao outro
Mas a revolução não renuncia a você. Aprenda a morrer.
O que você aprender, aumentará a nossa experiência.
Morra aprendendo. Não renuncie à revolução.
A
Eu me recuso. Eu não aceito a minha morte.
A minha vida me pertence.

CORO
O nada é sua propriedade.

A [CORO]
Eu não quero morrer. Eu me jogo no chão.
Eu me agarro firme na terra com todas as minhas mãos
Com unhas e dentes eu me prendo a essa terra
Que eu não quero abandonar. Eu grito.

CORO
Nós sabemos que morrer é um trabalho.
O seu medo te pertence.

A [CORO]
O que vem depois da morte.

CORO [A]
Ele ainda perguntava e já levantava do chão
Não mais gritando, e nós lhe respondemos:
Você sabe o que nós sabemos, nós sabemos o que você sabe.
E a sua pergunta não ajuda a revolução.
Se a vida for uma resposta talvez ela possa
Ser permitida. Mas a revolução precisa
Do seu SIM à sua morte. E ele não mais perguntou
Mas foi até o paredão e deu a voz de comando
Sabendo que o pão de cada dia da revolução
É a morte de seus inimigos, sabendo que ainda
Precisamos arrancar a relva para que o verde permaneça.

A [CORO]
MORTE AOS INIMIGOS DA REVOLUÇÃO.

Nota

Mauser, escrita em 1970, como terceira peça de uma série experimental, sendo a primeira *Philoktet* (Filocteto) e a segunda *Der Horatier* (O Horaciano), pressupõe/critica a teoria e a práxis da peça didática de Brecht. *Mauser*, variação sobre um tema do romance de Cholokov, *Der stille Don* (O Dom silencioso) não é uma peça de repertório: o caso extremo, não objeto, mas exemplo, no qual se demonstra o *continuum* da normalidade a ser rompido: a morte, cuja transfiguração na tragédia ou repressão na comédia constituem o fundamento do teatro dos indivíduos, uma função da vida considerada como produção, um trabalho entre outros, organizado pelo coletivo e organizando o coletivo. *Para que alguma coisa surja é preciso que alguma coisa desapareça A primeira configuração da esperança é o medo A primeira manifestação do novo é o horror.* A representação para um público é possível quando se possibilita ao público controlar a encenação pelo texto e o texto pela encenação, por meio da leitura do texto do coro ou do texto do primeiro ator (A), ou do texto do coro através de um grupo de espectadores e do texto do primeiro ator através de um grupo de espectadores, quando aquilo que não deve ser lido no texto é disfarçado, ou outros processos; quando a reação do público é controlada através da assicronia entre texto e encenação, não-identidade de quem fala e de quem representa. A distribuição do texto proposta é um esquema variável, o tipo e o grau das variantes, uma decisão política que variará de caso para caso. Exemplos de variantes possíveis: o coro põe à disposição do primeiro ator, para determinadas partes do texto, um intérprete do primeiro ator (A 1); todos os elementos do coro, sucessiva ou simultaneamente, representam o primeiro ator. O primeiro ator encarrega-se de determinadas partes do coro, enquanto A 1 o representa. Nenhum ator pode substituir outro continuamente. As experiências só são transmissíveis de modo coletivo. O exercício da capacidade (individual) de fazer experiências é uma função da encenação. O segundo papel (B), é representado por um membro do coro, que depois de ser morto retoma o seu lugar no coro. Recursos teatrais só devem ser utilizados abertamente; elementos de cenário, partes do guarda-roupa, máscaras, produtos cosméticos etc., ficam no palco. A cidade de Witebsk localiza-se em todos os lugares onde a revolução foi e será obrigada a matar os seus inimigos.